

OS DOSE

UMA SÉRIE SOBRE OS DISCÍPULOS

Marcos Senghi Soares
Julho/2020



OS ACHEGADOS (1): TIAGO E JOÃO, OS FILHOS DO TROVÃO

Deixamos para o final a análise do núcleo mais conhecido dos apóstolos. Este trio, Pedro, Tiago e João, esteve em situações exclusivas, quando nenhum outro dos Doze estava presente. Por exemplo, na transfiguração (Mc 9:2); na ressurreição da filha de Jairo (Lc 8:51); na oração do Getsêmani (Mt 26:36-37).

Em razão disso, há quem veja nesses três um grupo mais íntimo de Jesus, a quem Ele dedicava ainda maior atenção dentre os Doze. Pode ser. Mas deve-se deixar claro que essa observação é mera conjectura. Os Evangelhos não explicam por que razão isso aconteceu. Sabemos que não eram mais brilhantes do que os demais. Sua percepção de Jesus e sua missão era semelhante à dos outros. Por que não supor que eles precisavam de uma revelação especial, por serem mais tardios que os demais em compreender as grandes verdades do Evangelho?

A Tiago e João, Jesus deu o interessante apelido de Boanerges, que significa “filhos do trovão” (Mc 3:17). Irriquietos, impetuosos, intempestivos. Fica clara a razão da alcunha no episódio dos samaritanos que se opuseram a Jesus (Lc 9:51-56).

Tiago

Era o filho mais velho (seu nome sempre aparece primeiro) e um trabalhador e empresário do ramo da pesca, apesar da origem humilde e da pouca cultura formal (Mc 1:19,20). Ainda jovens ajudavam seu pai nos negócios de pesca. É significativo que Jesus chamou sempre pessoas que estavam trabalhando.

Ele, junto com seu irmão, protagoniza algumas cenas que chamam a atenção. Como no dia em que fizeram um pedido ambicioso (Mt 20:20-28; Mc 10:35-45). Num momento completamente impróprio, logo após Jesus abrir o coração e predizer seu momento mais difícil (v,32-34). Eles parecem nem ter ouvido o que Jesus estava dizendo. Ainda trazem junto sua mãe para reforçar e ratificar o pedido. Pediram o que não sabiam. De fato, ambos foram martirizados e beberam o mesmo cálice de sofrimento do Senhor, embora somente o dEle teria um efeito redentor.

Mais tarde, tornou-se um líder na igreja, mas foi o primeiro dos Apóstolos a ser martirizado, saindo precocemente de cena (Atos 12:1-2). Sua morte serviu como uma renovação da paixão da igreja (At 12:24).

João

Era provavelmente o mais novo dos apóstolos e foi o que morreu por último dentre todos. É o autor do Evangelho e das três cartas que levam seu nome bem como do Apocalipse, a mais detalhada revelação escatológica do Novo Testamento. São todos tratados profundos, frutos de um homem convicto da verdade e inspirado pelo Espírito Santo. É conhecido como o “apóstolo do amor”, por mencionar frequentemente o tema em suas epístolas.

Mas nem sempre foi assim. Durante o tempo dos Evangelhos, tentou impedir que alguém que não pertenciam ao grupo dos Doze expulsasse demônios (Mc 9:38-41). Tinha um zelo, embora sem tanto entendimento, sobre a obra de Deus. Precisava, no entanto, aprender a mesclar o zelo com a tolerância. A si mesmo se intitulava o “discípulo a quem Jesus amava” (João 13:23; 21:20), não por arrogância, mas pela consciência do amor individual do Mestre por ele.

Recebeu a responsabilidade de cuidar de Maria depois da morte de Jesus (João 19:26-27). Era o que estava próximo a Jesus (João 13:23-25) e o único dentre os homens a permanecer até o fim os pés da cruz de Cristo (João 19:26-27). Suas cartas demonstram uma transformação no seu caráter. Aquele que um dia quis silenciar os que não andavam com ele ou queimar os opositores com fogo do céu, trata com carinhos dos seus irmãos em Cristo, como seus “filhinhos”.

Os filhos de Zebedeu são, possivelmente, os exemplos mais impressionantes das marcas profundas que a convivência com Jesus podem deixar na vida de uma pessoa. Eles puderam perceber que a vida de Jesus era absolutamente compatível com seus ensinamentos e por isso resolveram experimentar na prática de suas próprias vidas.